

*ENVELHECIMENTO, TECNOLOGIAS
E JUVENTUDE: CAMINHOS PERCORRIDOS
POR ALUNOS DE CURSOS DE INFORMÁTICA
E SEUS AVÓS*

Luciene Lima de Assis Pires¹

resumo

Este artigo traz resultados de pesquisa realizada com alunos dos cursos de Tecnologia em Sistemas de Informação, Tecnologias em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Técnico Integrado em Informática. Analisou-se o processo de envelhecimento da população brasileira e o acesso das pessoas da Terceira Idade às tecnologias, tendo como parâmetro a relação de jovens alunos de cursos de nível médio e superior na área de informática com a pessoa idosa, membro da família deste aluno. Para tanto desenvolveu-se uma pesquisa quanti-qualitativa. Debateu-se sobre o papel social de uma escola que oferta cursos na área de informática contribuindo para a inserção da pessoa idosa em uma sociedade tecnologizada. Verificou-se que os jovens alunos de cursos na área de informática socializam com as pessoas idosas de sua família os conhecimentos adquiridos nos cursos que frequentam, facilitando a difícil relação que se dá entre a pessoa idosa e a tecnologia. Concluiu-se que os idosos buscam sua inserção na sociedade tecnológica e a família exerce papel importante nesta inserção.

palavras-chave

Envelhecimento. Tecnologias. Juventude.

1 Introdução

A melhoria da qualidade de vida trouxe como reflexo para países como o Brasil o chamado “aumento da longevidade”, consequência da redução das taxas de mortalidade nas últimas décadas do século XX, mudando o perfil

¹ Socióloga. Doutora em Educação. Professora no Instituto Federal de Goiás (IFG).
E-mail: lucieneapires@gmail.com

demográfico do país. Segundo Brasil (2003), deixamos rapidamente, de ser um “país de jovens” e o envelhecimento tornou-se questão fundamental para as políticas públicas. “Os brasileiros com mais de 60 anos representam 8,6% da população. Esta proporção chegará a 14% em 2025 (32 milhões de idosos)” (p. 5). Percebe-se então que o envelhecimento populacional muda o perfil da população brasileira e conseqüentemente das políticas públicas, principalmente na área da saúde e na área social.

É preciso dar maior ênfase na prevenção e tratamento de doenças crônicas não transmissíveis, nossa maior atenção precisa se voltar para as políticas que promovam a saúde, que contribuam para a manutenção da autonomia e valorizem as redes de suporte social. Os países europeus, além de terem melhores condições econômicas e sociais, tiveram um envelhecimento populacional muito mais lento do que o nosso e puderam se preparar para assegurar aos idosos melhores condições de vida (BRASIL, 2003, p. 5).

O que seria este “suporte social” apontado no Estatuto do Idoso? Acredita-se que dever-se-ia, dentre outras questões, situar o envelhecimento numa perspectiva cultural e de classe social, além da biológica. Beauvoir (1990), em estudo sobre a velhice, denuncia como a sociedade se recusa a enfrentar o fenômeno do envelhecimento. Segundo ela, há uma atitude de negação da velhice com práticas de abandono e desrespeito, não se valorizam os papéis sociais que antes eram atribuídos aos idosos pelo mundo do trabalho. Nesta mesma perspectiva, Machado (2007) afirma que “[...] para a sociedade moderna, a velhice aparece como algo sobre o qual não se deve falar, como se o fato de ignorar os velhos fizesse com que a velhice não existisse” (p. 222). Para esta autora, o envelhecimento é um fenômeno complexo, que provoca alterações físicas, emocionais, sociais e culturais na vida das pessoas. Por isso não comporta generalizações. Percebe-se, assim, que há um descaso da sociedade em relação à velhice que Beauvoir (1990) denomina de “conspiração do silêncio”.

Sabe-se que o cuidado com o idoso é “obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público”. Cabe a estes segmentos “[...] assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 2003, art. 3º). Acredita-se que dentre os segmentos apontados como responsáveis pelo cuidado com o idoso no Estatuto, a família, devido à proximidade e aos laços fraternais, tem papel fundamental no bem-estar físico e psicológico do mesmo. Falcão e Batista (2010) afirmam que “[...] a família como um sistema enfrenta desafios importantes diante

das demandas advindas com a velhice (normal ou patologia), especialmente quando há alterações ocasionadas por doenças associadas ao envelhecimento” (p. 15).

Segundo Machado (2007), é preciso perceber também que a desvalorização da velhice vem acrescida pelo cansaço. Os anos vividos e as lutas empreendidas tornam os idosos mais acomodados ao seu espaço de participação política. Para esta autora, torna-se fundamental a “[...] participação de técnicos, entidades e universidades comprometidos com a questão social do envelhecimento e capazes de traduzir e viabilizar ações públicas e privadas que respondam às demandas colocadas pelos idosos” (p. 230). Neste sentido, o estudo sobre o envelhecimento realizado em uma instituição de educação tecnológica que envolva, além do estudo, uma análise de como o idoso se insere e se sente em uma sociedade tecnológica, torna-se fundamental. Sobre isto, diz Machado (2007):

[...] penso que estamos vendo a consolidação de um movimento novo, um movimento capaz de colocar questões afetas à vida de todos os idosos [...] a dificuldade ao acesso à cultura e à educação [...] até mesmo a necessidade de se construir uma outra identidade para os velhos, mostrando ao Estado e à sociedade que podem desempenhar papéis sociais até o fim de suas vidas, sendo produtivos e mais felizes. Participando da política, das universidades abertas, dos grupos de convivência, dos fóruns, dos conselhos e associações de aposentados (p. 230).

Se o Brasil será, em um futuro próximo um “país de velhos” é mister levar a juventude a compreender o processo de envelhecimento, aceitá-lo, valorizando as experiências dos idosos e não apenas criticando. É fundamental a troca de experiências, o aprender com, o ensinar. Mehoudar (2003), ao trabalhar com a visão da juventude sobre o idoso, afirmou que no jogo da interdependência, o compromisso dos adolescentes com o processo de educação se dá muitas vezes com cobranças difíceis ou com um afeto inestimável de uns com os outros. Segundo ela, “[...] eles pensaram sobre o idoso, em seu próprio envelhecimento, entraram em contato com receios, dialogaram [...]” (p. 187).

Segundo Peres (2007), é preciso inserir o idoso em uma rede social e perceber também que, ao se considerar a velhice como uma questão social, considera-se não só a importância e a visibilidade que esta adquire perante a sociedade, mas, fundamentalmente, a atenção que o Estado passa a dar a ela. Uma das questões que envolve esta ‘rede social’ refere-se às possibilidades de pesquisa a serem asseguradas ao idoso pelas diferentes instituições. Para Berlinck e Berlinck (1998), “[...] propiciar ao idoso a oportunidade de

adaptar-se, sem medo, às novas tecnologias disponíveis no cotidiano é atividade que ganha destaque entre pesquisadores e centros universitários” (p. 48). Os autores, ao desenvolverem pesquisa sobre o uso de tecnologias por pessoas idosas concluíram que: não se dá por vontade própria do idoso o fato de ele não ter inicialização em informática; há consciência por parte da população de terceira idade da importância da informática e da necessidade de ambientação com equipamentos computadorizados para uma perfeita integração à sociedade, caracterizando-se o computador como mais uma forma de comunicação e intercâmbio; existe a expectativa, capacidade e disposição incontestes das pessoas de terceira idade de serem usuários e de terem real domínio de todos os dispositivos lastreados na informática, pois, neste início do século XXI, quem detém a informação, detém o poder de cidadão. Para os autores é fácil para um jovem compreender a atuação de um robô, da mesma forma é comum um idoso sentir-se constrangido frente a um caixa automático de banco, para eles o que pesa é a barreira cultural existente e que deve ser transposta. Segundo estes autores, é preciso buscar superar o preconceito, pois muitas pessoas acham difícil saber conviver com outras que apresentam determinados tipos de limitações. “Por vezes, lamentavelmente, encara-se o idoso como deficiente, pelo simples fato de terem restringidas algumas das habilidades que possuíam na juventude” (p. 50). A maioria normalmente não percebe que estas limitações podem ser tornadas mais amenas, bastando que se transformem em estratégias que lhes sejam pertinentes. Trata-se apenas de um simples fato de adaptação.

Em diferentes pesquisas desenvolvidas com idosos – Jordão Netto (2001); Costa (2001); Kachar (2003), dentre outros –, conclui-se que grande parte dos idosos fica deprimida pela perda do prestígio social, magoada pelo esquecimento familiar, pela perda do papel doméstico e do status na sociedade, pela perda da importância como trabalhador, pela perda do respeito e consideração dos parentes. Desta forma, desenvolveu-se esta pesquisa com o objetivo de analisar como se dá o acesso de pessoas da terceira idade às tecnologias postas pela sociedade neste início do século XXI, verificando se os jovens percebem a importância da inserção do idoso e se contribuem para este processo. O universo da pesquisa foi um grupo de alunos dos cursos Técnico Integrado em Informática e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí, bem como um idoso de sua família, geralmente os avós. Buscou-se também comparar se o jovem aluno do ensino técnico se diferencia do jovem aluno do ensino superior nas relações que estabelecem com a pessoa idosa, no que se refere à socialização dos conhecimentos.

Envolver o jovem em uma pesquisa desta natureza foi, ao nosso ver, fundamental, pois fez com que ele percebesse a importância e as possibilidades de aprendizagem com o idoso, de troca de experiências, de valorização da família, visto que, segundo Falcão (2006, p. 21),

[...] o sentimento de pertencer a uma família envolve o afeto, liberdade, reciprocidade, histórias compartilhadas, enfim, aspectos inerentes à condição do ser humano que abarcam questões conscientes e inconscientes. Os sujeitos que se distanciam geograficamente da família de origem podem, por exemplo, adotar pessoas da comunidade em que vivem, para compor 'novas' famílias, elegendo-as como também sendo seus membros familiares.

Acreditando, conforme apontaram Berlinck e Berlinck (1998), que compete às faculdades oferecerem aos cidadãos da terceira idade os conhecimentos necessários para uma socialização plena com elementos do próprio grupo familiar (netos, filhos, sobrinhos) é que se desenvolveu esta pesquisa. Analisou-se a relação do jovem com o idoso e a relação do idoso com a tecnologia bem como se estes atores, jovens e idosos, podem se conhecer e se ajudar mutuamente na inserção em uma sociedade tecnológica.

2 O caminho da pesquisa

Por procedimentos metodológicos entende-se o caminho percorrido para a aquisição do conhecimento até se chegar a um fim que é o objetivo da pesquisa. Visando alcançar o objetivo proposto neste estudo realizou-se uma revisão bibliográfica, verificando não apenas a questão do envelhecimento, mas também as políticas públicas para atendimento do idoso no Brasil, visto que as mudanças processadas nas últimas décadas sobre a assistência social no Brasil afetaram diretamente o atendimento ao idoso. Desta forma, para a compreensão do objeto, debruçamo-nos inicialmente sobre o Estatuto do Idoso, investigando “[...] como a ideologia, a lógica ou a racionalidade que dão sustentação à reforma se articulam com os interesses, valores e perspectivas dos sujeitos que, ao fim e ao cabo, são os que realizam as mudanças”, conforme afirmaram Shiroma, Campos e Garcia (2004, p. 2). Em seguida, o estudo teórico se concentrou nas questões sobre o idoso e sua caracterização, bem como os elementos sociais, políticos e jurídicos que os definem.

A partir da caracterização inicial desenvolveram-se os instrumentos de coleta de dados. Para a coleta de dados dos alunos, utilizou-se a ferramenta *google doc*. Inicialmente, os alunos foram contactados na sala de aula e

responderam a um questionário de identificação inicial: nome, curso, turma e e-mail. Em seguida, relacionou-se todos estes alunos, cadastrou-se no google doc e encaminhou-se a todos eles o questionário on-line a ser respondido. Apenas os alunos foram entrevistados neste modelo on-line.

A ideia inicial era de que a pesquisa com os idosos fosse realizada também on-line, pois enviar um questionário on-line também aos idosos seria uma possibilidade de o aluno ter contato com o idoso de sua família, mostrando/apresentando a ele a ferramenta utilizada e auxiliando-o na resposta à pesquisa; para isto, seria utilizado o e-mail do aluno. No entanto, devido à demora para receber a resposta dos alunos ao questionário inicial, optou-se por mudar a metodologia de coleta de dados com os idosos, sendo assim, retomou-se o contato com os alunos em sala de aula, para a coleta dos endereços e telefone dos idosos. Conseguídos estes dados, os idosos foram contactados por telefone e marcou-se um entrevista (data e horário) com cada um deles. Para esta entrevista utilizou-se um questionário com questões semiestruturadas. A elaboração dos questionários e as entrevistas tiveram como suporte metodológico Triviños (1987).

Esta mudança no caminho da coleta de dados com os idosos trouxe dois elementos contraditórios entre si: considerou-se negativa no sentido de não levar o aluno a este contato com o idoso e com a tecnologia, no entanto, por outro lado, avaliou-se como positiva, pois a felicidade do idoso em receber a visita dos pesquisadores e em dialogar mostrou-nos um campo que não prevíamos.

A pesquisa envolveu alunos de uma instituição de educação tecnológica. Participaram de mesma 47 alunos, sendo 15 do curso Superior de Tecnologia (6 alunos do Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e 9 alunos do Curso Superior em Tecnologia em Sistemas de Informação) e 32 do curso Técnico Integrado de Informática. Estes números são proporcionais ao número de alunos matriculados em cada curso. Entrevistou-se 15 idosos vinculados aos alunos dos Cursos Superiores de Tecnologia e 19 idosos vinculados aos alunos do curso Técnico Integrado em Informática. Salienta-se que há apenas um curso superior de tecnologia na área de informática na instituição pesquisada. As duas denominações referem-se ao mesmo curso que teve sua nomenclatura modificada e matriz curricular redimensionada, por esta razão optou-se por apresentar os dados diferenciando apenas como alunos do curso superior / alunos do curso técnico.

Nos resultados apresentados, mesmo o sexo não sendo um indicador de análise, optou-se por nomear as respostas citadas com a variável de gênero, sendo assim as respostas citadas dos sujeitos entrevistados são apresentadas com a variável de gênero – idoso/idosa e aluno/aluna.

Após a coleta de dados, os mesmos foram tabulados e realizou-se a análise tendo como parâmetro autores que debatem sobre envelhecimento, dentre eles: Kachar (2001 e 2003); Kalache, Veras e Ramos (1987); Peres (2007, 2008); Oliveira (2006).

Os dados foram trabalhados quantitativamente sem no entanto perderem sua dimensão qualitativa, como sugere Chizzotti (2006), pois desde a elaboração dos questionários a opção por questões semiestruturadas já trazia em seu bojo a possibilidade de análise para além da quantificação, visto que elas possibilitam uma dinâmica que flui naturalmente e uma verbalização que traz a oportunidade de interrelacionar os dados e apreender valores, sentimentos e crenças para além dos elementos quantitativos, como afirmam Alves-Mazotti e Gewandsnajder (1998).

3 Os idosos, os jovens e as tecnologias: limites e possibilidades

Compreender o processo de envelhecimento como um dos elementos fundamentais para a estruturação social do Brasil no século XXI foi um dos elementos essenciais nesta pesquisa. O envolvimento do jovem, o contato com o idoso, mostrou-nos, como aponta Debert (1994), que não há um único processo de envelhecimento. Envelhecer, para esta autora, é uma invenção cultural. Sendo assim, envelhecer em uma grande metrópole não é o mesmo que envelhecer em uma cidade do interior. Além deste aspecto espacial, o envelhecimento está também vinculado ao contexto produtivo no qual o idoso se insere na idade madura. Trabalhador rural, trabalhador doméstico, professor; as atividades na velhice se vinculam ao momento anterior daquilo que a sociedade chama de momento produtivo.

Em outro estudo, Debert (1997) afirmou que a invenção da terceira idade é compreendida como fruto do crescente processo de socialização da gestão da velhice. Se durante muito tempo considerou-se apenas na esfera privada e familiar ou uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, ela transformou-se em uma questão pública na qual o Estado pode e deve intervir. No Brasil, a aprovação do Estatuto do Idoso em 2003 reforçou esta característica e definiu a faixa etária para o atendimento: “[...] o Estatuto do Idoso [é] destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos” (BRASIL, 2003, art. 1º).

Neste envolvimento da / com a família, percebemos que os idosos sentem a necessidade do convívio com os jovens, bem como solicitam a eles (geralmente aos netos e não aos filhos) o auxílio de que necessitam para o acesso às tecnologias. Esta relação entre os avós e os netos foi explicitada por Marangoni e Oliveira (2010). Para estas autoras, no Brasil, em 1991, havia 2,5 milhões de crianças e adolescentes cuidados e sustentados por avós ou bisavós. Verifica-se assim que ao longo do século XX, os papéis dos avós foram expandidos e os avós se tornaram também os principais responsáveis pelos cuidados diários, pela educação e pelo sustento financeiro de netos que residem com eles. Esta relação de dependência financeira não foi percebida entre os alunos / idosos sujeitos desta pesquisa. Dos 47 alunos pesquisados, sete residem junto com os avós, mas apenas quatro dependem financeiramente destes últimos.

A preocupação do idoso em não ocupar os mais jovens foi detectada nas entrevistas realizadas, o que Debert (1997) chama de representações sobre o envelhecimento. Verificou-se que o idoso não pede auxílio para os mais jovens, pois os julga “muito ocupados”. Uma entrevistada disse: “não gosto de ficar ocupando o tempo dos meus filhos e netos, não gosto de atrapalhar, eles trabalham, eu não”. É importante salientar que esta avó afirma que não trabalha, mas é ela quem faz todo o serviço doméstico e mantém financeiramente o neto que com ela reside. Morato (2009) aponta que as representações no papel do idoso se mostram diferentes da sociedade se apresentando, contraditoriamente, ora como processo de perdas, ora como busca de novas conquistas de satisfação e realização pessoal.

No que se refere ao uso de tecnologias, entre os idosos sujeitos da pesquisa, 41% disseram ter dificuldades no uso de tecnologias, mas apenas 8% afirmaram que não têm nenhum domínio. Dentre as tecnologias, o caixa eletrônico foi apontado como uma das maiores dificuldades: “não sei mexer no caixa eletrônico, as meninas do banco que me ajudam, acho que não consigo aprender, se não tivesse acomodada já sabia mexer, porque retiro dinheiro do banco desde 1982” (Idosa 11). Interessante ressaltar que uma das entrevistadas, profissional com nível superior de escolarização, afirmou que sente medo e apreensão em relação à sociedade informatizada e disse que este sentimento se refere muito ao uso dos caixas eletrônicos.

Observou-se que, independente da idade, os alunos entrevistados julgam que as pessoas mais velhas têm pouca desenvoltura em relação ao uso de tecnologias: “não vejo necessidade de ensinar, eles não têm interesse, e nem precisam utilizar desses tipos de recursos, então a necessidade não existe” (Aluna 4). “Meus avós simplesmente não têm muito interesse em

mexer com qualquer uma dessas tecnologias [. . .]. Então eles simplesmente não se esforçam nem têm muita curiosidade em aprender ou utilizar todo o potencial que essas tecnologias têm para oferecer” (Aluna 44).

Por outro lado, há alunos que percebem esta necessidade e têm uma compreensão para além da própria negativa do idoso: “muitos [idosos], por achar que não conseguirão, ficam com vergonha e preferem dizer que não gostam e que não querem saber daquilo, mesmo que no fundo a tecnologia também desperte interesse neles” (Aluno 3). “Acho que às vezes nem é dificuldade [que o idoso tem], mas medo de clicar ou apertar algum botão errado e estragar, falta paciência nele para aprender (Aluna 21). Contribuir para que o idoso se insira na sociedade tecnologizada é importante diz o Aluno 25, “isso [auxiliar o idoso] é muito necessário para que eles se sintam inseridos na sociedade e, desta forma, não se sintam “excluídos”, além de incentivá-los a praticar a memória”. Auxiliá-los é fundamental para a “desmistificação das tecnologias diante deles” (Aluna 32). Para a Aluna 20, “o conhecimento que eles têm de algumas tecnologias é muito limitado. Eles entendem e conhecem poucas coisas. Como a televisão, por exemplo, se mudarmos para o canal AV eles já pensam que estragou tudo.

Esta compreensão foi confirmada no contato com os idosos entrevistados: “Nunca tive vocação para mexer no computador, quando mais jovem gostava da datilografia, hoje com computador me sinto perdido, mas quero aprender, participo do curso de informática para a terceira idade do IFG, estou gostando muito e estou aprendendo muito” (Idoso 3). A necessidade do aprendizado está presente em 100% dos idosos entrevistados, mesmo naqueles que se julgam incapazes para aprender.

Nunca realizei o sonho de estudar, morava na fazenda então contratavam um professor particular e levava para dar aula na fazenda, estudei durante oito meses, tinha muita vontade de estudar só que meus pais eram mais antigos e não permitiram. Cheguei a fazer o exame de admissão na escola só que saí antes de completar 4 meses, mas sei ler e escrever o básico. Acho que não tenho muita necessidade de aprender a mexer no computador, mas acho necessário. Meus filhos trabalham com computadores mais modernos, mas eu não gosto de coisas muito novas, prefiro coisas mais antigas. Consegui formar meus cinco filhos, mas eu não preciso mais aprender. Sou muita caseira, não participo de programas sociais (Idosa 5).

Não houve diferença significativa entre os idosos com dificuldade ou não no uso das tecnologias: 41% afirmaram não terem dificuldades e 59% afirmaram que têm dificuldades. E ter ou não dificuldade não se relaciona às variáveis idade, sexo ou escolaridade.

A questão da autonomia do idoso, tratada por Peres (2008), foi percebida entre os idosos entrevistados. Para este autor, um fato bastante curioso é que, quantitativamente falando, há quase completa “[...] ausência do idoso em meio às ações que visam promover a sua cidadania. São as organizações representativas da velhice, e não os idosos, que têm se mobilizado no sentido de solicitar ações do Estado” (PERES, 2007, p. 204). Apenas 2% dos idosos entrevistados afirmaram que participam ou já participaram de programas sociais.

Não gosto de incomodar ninguém e também não participo de programas voltados para idosos, sou mais de casa. O mundo avançou e as pessoas passaram a usar a tecnologia para o mal e outras usam para o bem. Acho que já estou muito velha para aprender coisas novas [...] Estou esperando só morrer (Idosa 8).

Vale ressaltar que esta senhora está na faixa etária de 60 a 70 anos, e outros mais velhos, mas que continuam com atividades e percebem a aprendizagem como algo importante, se sentem mais motivados em relação à vida.

Não tenho muito curiosidade em aprender, acho que a internet é muito boa, basta saber utilizá-la, mas tenho medo das coisas ruins da internet. A vida hoje é maravilhosa, muito mais fácil, os novos aparelhos eletrônicos (máquina de lavar, telefone) foram muito bons, a vida ficou mais fácil. Quando eu era mais jovem talvez faria algum curso de informática, mas hoje deixo para os mais jovens, não tenho interesse em relação aos computadores, mas a internet foi muito importante para a minha família, em 1974 o meu irmão saiu de casa para trabalhar em Mato Grosso e não apareceu mais e buscamos ele pela internet. Por notícia de terceiros tivemos notícias dele [. . .]. Hoje é bem melhor que antigamente, era muito difícil, hoje tenho água de cisterna com bomba, antes tirava água do poço com a carretilha (manivela) que tenho jogada por ai, jogada no quintal (Idosa 11).

Esta mesma entrevistada demonstrou a importância da evolução da tecnologia: “o telefone foi muito bom, o rádio a pilha lá na roça também já era bom, mas adoro o telefone, principalmente o celular, a gente pode até carregar, leva ‘pra qui pra li’. Antes era difícil saber notícias dos meus irmãos que moram longe, hoje é só telefonar” (Idosa 11).

Outra entrevistada afirmou sobre a importância do desenvolvimento social e tecnológico e mesmo dizendo que não se interessa por eles, avalia como importantes: “as coisas se tornaram mais fáceis também, antigamente, por exemplo, não tinha telefones móveis e só as famílias mais ricas tinham telefone a fio em casa, não tinha geladeira, fogão a gás, televisão era raro e para visitar os parentes na cidade era por meio de carroça ou a pé” (Idosa 19).

E conclui: “hoje melhorou muito, acho muito bom, pois melhorou a minha vida e de muita gente também, mas não gosto muito de estar envolvida, não tenho muita disposição e interesse” (Idosa 19).

No que se refere à manutenção financeira, a maioria dos idosos – 73% está aposentada, 15% é pensionista e 12% ainda exerce atividade remunerada. Sobre esta questão, Peres (2007) afirma que “[...] a precariedade dos benefícios previdenciários obriga muitos aposentados a continuarem trabalhando, seja para garantir a sobrevivência própria ou da família, ou para evitar quedas violentas no padrão de vida” (p. 197-198). Entre os idosos entrevistados, apenas 1 afirmou categoricamente que é aposentado e que trabalha; no entanto, 20% deles afirmaram que continuam fazendo os serviços domésticos ou atividades como artesanato e costura por não terem como pagar uma ajudante e/ou para manterem uma renda extra e 12% deles ainda possuem trabalho remunerado, conforme salientado anteriormente.

Ao falar sobre o sua relação com o trabalho e a tecnologia, uma entrevistada assim se expressou:

[...] sou aposentada [professora], mas gosto de fazer meus trabalhos, não uso muito o caixa eletrônico, mais é meu marido, mas sei usar. No começo não soube aproveitar muito a aula de informática, aprendi mais usando e com meus familiares, tenho muita dificuldade com impressora e com programas que buscam na Internet, mas minha neta [aluna do curso técnico integrado] passa o dia comigo para a mãe trabalhar e me ajuda no que preciso. Busco muito a internet para conseguir riscos para bordados, moldes para roupas infantis [...] Me sinto como uma pessoa avançada, brilhante. Eu gosto de bordar e fazer artesanato, a minha neta me ajuda e eu busco os riscos e os modelos na internet, é muito bom.

Segundo Berlinck e Berlinck (1998), devido à informatização crescente da sociedade contemporânea, seus membros devem, necessariamente, tornarem-se possuidores destes conhecimentos. A terceira idade, por já ter passado pelos bancos escolares, irá buscá-los em outros lugares ou de formas menos tradicionais. Os resultados da pesquisa demonstraram que a maioria dos idosos que utiliza computadores – 47%, aprendeu a utilizá-lo com os membros da própria família, 16% aprendeu com amigos, 10% sozinho, 11% no trabalho e 16% em cursos profissionalizantes.

Ao serem indagados sobre as mudanças nos comportamentos dos idosos após o acesso à tecnologia os alunos assim se expressaram:

Aqueles que estão se adaptando às mudanças tecnológicas se sentem mais à vontade no meio da sociedade. Entretanto, aqueles que não têm contato, ou

mesmo que tenham contato, mas não sabem como utilizar, se sentem marginalizados, se sentem excluídos da sociedade (Aluna 2).

Eles ficam mais intelectuais, ficam por dentro dos assuntos do mundo e compartilham esse assunto (Aluna 21).

Às vezes ficam “fascinados” com o que veem (um filme em 3D, um aparelho com touch screen), são coisas que não havia na época deles e que eles não imaginariam que um dia seria da forma tal qual está hoje. Alguns também ficam frustrados por não conseguirem acompanhar esse crescimento tecnológico acelerado e outros ficam simplesmente atônitos e preferem deixar pra lá! (Aluna 24).

Tenho a impressão que eles se acham inúteis por não conseguirem fazer algo (Aluna 13).

Berlinck e Berlinck (1998) também afirmam que pesquisas nos Estados Unidos demonstram que “[...] mais da metade das crianças na primeira idade possuem computadores em casa e que seus avós se interessam em aprender determinados jogos para poderem *brincar* com elas” (p. 50, grifo dos autores). Esta relação entre a atividade com o computador e os netos foi percebida também em uma das entrevistadas:

[...] sou autodidata, gosto muito de ler e aprender, se tenho dúvidas, leio o manual, uso o computador para me comunicar, para entretenimento, para ver o saldo no Banco. Na internet procuro notícias, receitas de remédios caseiros. Estou me adaptando às novas tecnologias. Os jovens da minha família [netos] me ajudam muito e eu me sinto assim, sendo idosa e podendo ter acesso a essa tecnologia é muito bom [. . .]. Quando morava na fazenda era a lamparina, hoje é luz elétrica, o café era moído à mão, hoje já é industrializado, muitas coisas mudaram de antigamente para hoje e vieram para melhorar. Não tenho dificuldades em aceitar as tecnologias modernas não. Para me aproximar dos meus netos eles me ajudaram e eu tenho facebook, é muito bom.

Verificou-se que o acesso às tecnologias, o gostar ou não do avanço tecnológico, a busca contínua ou não pelo conhecimento, independe da escolaridade dos idosos entrevistados, bem como do vínculo com os alunos-netos (se alunos do curso técnico integrado ou alunos do curso superior de tecnologia). Outro indicador que também não interferiu neste resultado foi a idade do idoso. A maioria dos idosos entrevistados (32%) possui o ensino fundamental incompleto, 20% o fundamental completo, 12% o médio incompleto, 12% o médio completo, 9% o superior completo, 9% o superior incompleto e uma minoria – 3% nunca estudou e o mesmo percentual é especialista.

Stano (2001), ao analisar a identidade do professor no envelhecimento, afirma que o indivíduo se forma e se transforma nas relações de trabalho e confere traços sociais aos seus aspectos físicos e psíquicos, “[...] o afastamento da atividade produtiva cristaliza e recupera tais traços por meio de certa identidade que acoplada à atividade realizada anos e anos, ressurgem nas lembranças, nos objetos que suscitam experiências vividas e nas maneiras sutis de encontro com o outro” (p. 72). A busca por se manter uma identidade diferenciada foi um dos elementos percebidos nos entrevistados que tiveram a profissão de professor. 9% dos idosos entrevistados foram professores, destes, 100% lidam com computadores, têm acesso à internet e buscam nela informações e conhecimento. Para Stano (2001), a aposentadoria vivida na velhice tende a caracterizar-se por uma homogeneização de hábitos. Segundo ela, em um mundo que “[...] dita modas e modelos de uso do tempo, a falta de autonomia do ser velho pode resultar num processo de dessingularização, fragilizando e operando uma desconstrução da identidade profissional elaborada nos anos de labuta” (p. 73). No entanto, ela afirma que os ex-professores buscam manter sua “professoralidade” nos objetos, na memória, ressignificando o exercício da profissão na velhice. Este fato foi confirmado nos dados da pesquisa.

Segundo Kachar (2003), estudos com idosos apontam que os mesmos têm interesse e possibilidade de conseguir domínio básico do computador. E que “[...] a aplicação tem sido mais para uso pessoal, distração e ocupação do tempo, ou mesmo para resolver situações domésticas com a máquina” (p. 65). A tecnologia permite a comunicação com outras pessoas e o acesso às informações e atualidades. Este fato também foi confirmado pela pesquisa.

4 Considerações Finais

Foi gratificante desenvolver a pesquisa, realizar o contato com os idosos e perceber como, em sua maioria, não se sentem excluídos da sociedade tecnológica. Os idosos entrevistados acompanham o avanço tecnológico, sentem-se inseridos “nesta nova sociedade”, como afirmaram. Dentre as tecnologias citadas por eles, o telefone configurou-se à frente do computador como mais relevante. Acredita-se que tal fato se deve ao acesso que têm à telefonia para se comunicarem com os parentes, principalmente com os parentes distantes, afirmaram eles.

Verificou-se que os indicadores utilizados na caracterização dos alunos – Curso Superior de Tecnologia e Curso Técnico Integrado de Informática – não interferiu nos resultados de o aluno ter mais ou menos relação de ajuda com o idoso. Nos dois grupos cuja faixa etária variou de 14 a 18 anos (alunos do Curso Técnico Integrado de Informática) e 19 a 28 anos (alunos do Curso Superior de Tecnologia), a relação de auxílio com o idoso foi a mesma.

Outro aspecto verificado refere-se ao uso das tecnologias pelo idoso, este uso não recebe influência da faixa etária bem como do nível de escolaridade do mesmo. Uma questão interessante observada refere-se à variável trabalho produtivo. Os idosos que tiveram uma tradição familiar rural percebem a importância da tecnologia e buscam se adaptar a ela. As idosas que não desenvolveram atividades produtivas, independentemente da escolaridade, tendem a ser mais afastadas da busca pela atualização do conhecimento. Sentem-se mais improdutivas e “velhas” para aprender.

Sobre a contribuição dos jovens com os idosos para a inserção destes na tecnologia conclui-se que independente da idade do jovem, bem como do curso que frequenta, a maioria dos alunos (72%) já auxiliou/contribuiu para a inserção do idoso na sociedade tecnológica. 20% dos alunos afirmaram que não tiveram oportunidade de auxiliarem os idosos e apenas 8% afirmaram que não têm paciência em auxiliar o idoso em suas dificuldades.

Outro aspecto que julgamos positivo no que se refere ao contato do jovem com o idoso, ao serem indagados se procuram informar-se sobre o que está acontecendo a favor dos idosos, para assim, conscientizar os idosos de sua família, 73% dos alunos entrevistados informaram que nunca se preocuparam em buscar informações sobre questões relacionadas ao idoso para lhes informar e apenas 27% demonstraram esta preocupação. No entanto, destes 73% que disseram não se preocuparem, até o momento da realização da pesquisa, em se informarem / para informarem os idosos sobre as questões sociais, 83% disseram que a partir de agora se envolveriam mais com as questões relacionadas aos idosos e apenas 17% disseram não verem importância em buscarem informações sobre os idosos para orientá-los.

Todos os idosos entrevistados demonstraram interesse na pesquisa, alguns ficaram arreios e, no primeiro contato feito por telefone para marcar as entrevistas, não aceitaram. Fez-se então novo contato com o aluno para que intermediasse a entrevista. Os alunos explicaram aos avós do que se tratava e as entrevistas foram marcadas / realizadas. Estes idosos, que se recusaram inicialmente a serem entrevistados, desculparam-se posteriormente informando que “o mundo está muito perigoso”, e que precisam se precaver de pessoas que podem procurar o idoso “apenas para maldades”.

Segundo os alunos, é comum o jovem que mora com uma pessoa mais velha não ter paciência para ensinar: “Já trabalhei com assistência técnica, então era comum atender chamados de clientes idosos que não conseguiam fazer praticamente nada no computador e achavam que era problema técnico, então chamavam a assistência” (Aluno 3), e conclui: “Na casa do cliente eu constatava que não se tratava de problema, mas de falta de informação. Muitas vezes tinha pessoas mais novas nas casas, mas que não tinham paciência em ajudar os mais velhos” (Aluno 3).

Observou-se que diferentes objetivos motivam os idosos a buscarem informações pela internet, mas destacam-se entre as idosas os seguintes temas: culinária e saúde / doença; já entre os idosos, destacam-se comunicação e informação. Segundo uma aluna, o maior interesse dos idosos que a procuram é “o exame médico que tem que ser feito para cuidar a saúde” (Aluna 50).

Por fim, destacamos que dentre os principais desafios percebidos com a pesquisa está a manutenção do contato com os idosos que se sentem sós em seu dia-a-dia. As entrevistas eram percebidas por eles como uma visita – foi comum o convite para o pesquisador voltar posteriormente para “um cafezinho”. Verificou-se fragilidade na divulgação dos projetos sociais do município e desinformação dos idosos sobre os mesmos. E, acreditando na necessidade e na importância da emancipação dos idosos em relação aos seus direitos, se faz necessário um trabalho de conscientização dos mesmos. Acreditamos que a instituição na qual a pesquisa se desenvolveu pode – e deve – desenvolver ações neste sentido.

AGING, YOUTH AND TECHNOLOGY: PATHS TAKEN BY COMPUTER COURSES STUDENTS AND THEIR GRANDPARENTS

abstract

This article presents results of a research conducted with students from Technologist Degree in Information Systems, Technologist Degree in System Analysis and Development and Technical Degree in Computer Science. We analyzed the process of aging of the Brazilian population and the access of the Third Age people to the technologies, having as a parameter the ratio of young students from computer science high school and higher education with the Elder, a member of the family of the student. To do so, we developed a

quantitative and qualitative research. We struggled on the social role of a school that offers courses in computer science contributing to the inclusion of the elderly in a technologized society. It was found that the young students from computer courses socialize with the Elder of their family the knowledge acquired in the courses that they attend, facilitating the difficult relationship that exists between the Elder and the technology. We concluded that the Elder seek their inclusion in the technological society and the family plays an important role in this integration.

keywords

Aging. Technologies. Youth.

referências

ALVES-MAZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais*: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERLINCK, Aldete Bucheer Zorrón; BERLINCK, José Augusto Mattos. Terceira idade e tecnologia. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 48-52, jan./abr. 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Estatuto do idoso*. 1. ed., 2.^a reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. 70 p.: il. – (Série E. Legislação de Saúde). ISBN 85-334-0740-8.

CHIZZOTTI, Antoni. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes, 2006.

COSTA, Geni de Araujo. Corporeidade, atividade física e envelhecimento: desvelamentos, possibilidades e aprendizagens significativas. In: KACHAR, Vitória (Org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 39-56, jun. 1997.

_____. *Antropologia e velhice*. Coleção Textos Didáticos. Campinas: IFCH/Unicamp, n. 13, mar. 1994.

FALCÃO, Delsivânia Vieira da Silva. *Doença de alzheimer*: um estudo sobre o papel das filhas cuidadoras e suas relações familiares. 2006. 191f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FALCÃO, Delsivânia Vieira da Silva; BATISTA, Makilin Nunes. Avaliação psicológica de famílias com idosos. In: FALCÃO, Delsivânia Vieira da Silva (Org.). *A família e o idoso*: desafios da contemporaneidade. Campinas: Papyrus, 2010. p. 13-36.

JORDÃO NETTO, Antônio. Universidade aberta para a maturidade: avaliação crítica de uma avançada proposta educacional e social. In: KACHAR, Vitória (Org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 45-61.

KACHAR, Vitória. *Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. (Org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

KALACHE, Alexandre; VERAS, Renato P.; RAMOS, Luiz Roberto. O envelhecimento da população mundial: um desafio novo. *Saúde Pública*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 200-210, jun. 1987.

MACHADO, Maria Alice Nelli. O movimento dos idosos: um novo movimento social? *Kairós*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 221-233, jun. 2007.

MARANGONI, Jacqueline; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes. Relacionamentos intergeracionais: avós e netos na família contemporânea. In: SILVA, Delsivânia Vieira da (Org.). *A família e o idoso: desafios da contemporaneidade*. Campinas: Papirus, 2010. p. 37-56.

MEHOUDAR, Rosie. O verso da velhice: uma interlocução com os adolescentes. In: KACHAR, Vitória. *Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 169-189.

MORATO, Dioneia. *A energia da terceira idade*. 2009. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos/humanas/sociologia/a-energia-da-terceira-idade-7019/artigo/>>. Acesso em: 28 jan. 2011.

OLIVEIRA, Juliana Andrade. "Terceira Idade" e cidade: o envelhecimento populacional no espaço intra-urbano de Santos. 2006. 191f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PERES, Marcos Augusto de Castro. Terceira idade, ação política e autonomia: as políticas da velhice como tecnologias sociais. *Tecnologia e sociedade*, Curitiba, n. 6, p. 196-206, 1º sem. 2008.

_____. *Velhice, trabalho e cidadania: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social*. 2007. 372f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SHIROMA, Eneida Oto; CAMPOS, Roselane Fátima; GARCIA, Rosalba M. Cardoso. *Subsídios teóricos para construção de uma metodologia para análise de documentos de política educacional*. Texto digitado, 2004.

STANO, Rita de Cássia M. T. *Identidade do professor no envelhecimento*. São Paulo: Cortez, 2001.

TRIMÍÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido: 16/10/2012

1ª Revisão: 14/12/2012

Aceite Final: 15/04/2013